

**UM ESTUDO SOBRE O AMOR NA ATUALIDADE COM ÊNFASE NA PSICANÁLISE FREUDIANA  
A STUDY ABOUT LOVE NOWADAYS WITH EMPHASIS ON FREUDIAN  
PSYCHOANALYSIS**

Andriele Lopes Barbosa Lisboa<sup>1</sup>

Júlia de Souza Scotti<sup>2</sup>

Luana Luzia da Silva<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: andrielel1996@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. Ano 2023. Orientadora: Prof. Beatriz Pires Coltro, Ms.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: juliadezouzascotti@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. Ano 2023. Orientadora: Prof. Beatriz Pires Coltro, Ms.

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: lluananaa@hotmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. Ano 2023. Orientadora: Prof. Beatriz Pires Coltro, Ms.

**Resumo:** O presente artigo realiza um breve estudo acerca do amor, tendo como foco principal os relacionamentos amorosos na atualidade. O texto caracteriza o amor ao longo do tempo histórico, considerando as expectativas sociais e culturais de cada época, especialmente nos dias de hoje, discutindo algumas das principais problemáticas que as relações amorosas enfrentam. Tendo como perspectiva a psicanálise freudiana e a relacionando com as ideias de alguns filósofos sobre o tema, pretendeu-se compreender o que se busca nas relações amorosas da atualidade. Ainda que a visão e as exigências do amor tenham se modificado ao longo do tempo, a teoria narcísica freudiana sobre ele continua a fazer sentido na atualidade.

**Palavras-chave:** Amor. Atualidade. Freud.

**Abstract:** This article carries out a brief study of love, with the main focus on love relationships today. The text characterizes love throughout history, considering the social and cultural expectations of each era, especially today, discussing some of the main problems that love relationships face. Taking Freudian psychoanalysis as a perspective and relating it to the ideas of some philosophers on the subject, the aim is to understand what is sought in love relationships today. Although the vision and demands of love have changed over time, Freud's narcissistic theory of love still makes sense today.

**Keywords:** Love. Nowadays. Freud.

## 1 INTRODUÇÃO

O amor é um tema que geralmente desperta interesse nas pessoas e isso não acontece sem razão, já que é uma temática presente na vida de qualquer ser humano em suas relações sociais. O amor pode acontecer de diversas formas, inclusive entre amigos e familiares. O presente artigo, contudo, terá seu foco restrito ao amor de relacionamentos amorosos, mais especificamente buscando compreender como o mesmo é representado e vivenciado atualmente, com ênfase na teoria psicanalítica freudiana.

Segundo McGuire (1974, apud KUSS, 2015) Freud relata em uma carta a Jung, que a Psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor. A frase se refere ao amor transferencial, o qual não é o foco deste trabalho, porém mesmo não tendo o amor como um conceito definido, a teoria freudiana traz contribuições que nos possibilitam analisar e refletir sobre esse acontecimento. As ideias do fundador da Psicanálise são fundamentais para o entendimento do amor sob o ponto de vista subjetivo, ainda que as mesmas reflitam as características da era vitoriana, tempo histórico em que o amor romântico reinava, com o qual ainda nos deparamos na atualidade como paradigma de relação (KUSS, 2015).

Freud (1901-1905) no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” introduz o conceito de objeto sexual, no qual o primeiro objeto de satisfação sexual é o seio materno, através da ingestão de alimento. Esse objeto é perdido na infância, porém durante toda a vida o sujeito buscará “restabelecer a felicidade perdida” através da escolha de outros objetos. “A criança aprende a amar outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades” (p. 143).

Para Freud o narcisismo é necessário para a constituição psíquica do sujeito e, segundo Kuss (2015), o amor seria uma das formas de restabelecer o narcisismo perdido, a satisfação já experimentada de ser amado incondicionalmente, sendo assim, o amor narcísico seria uma tentativa de preencher essa falta constitutiva do sujeito.

Freud (1914) no texto “Introdução ao Narcisismo” afirma que existem dois tipos diferentes de escolha de objeto, sendo eles de tipo anaclítico ou narcisista. Ele relaciona a escolha anaclítica ao masculino e a narcisista ao feminino, entretanto, reconhece que existem mulheres que amam do modo anaclítico, assim como homens que amem de modo narcísico. De acordo com Kuss (2015) nesse texto de Freud, ele parece não fazer distinção entre libido e amor, sendo assim, teríamos o amor narcísico como aquele no qual a libido se dirige ao próprio eu, enquanto no amor anaclítico a libido está dirigida a um objeto. A autora destaca

que: “em ambas as escolhas, o que se visa, por via do amor, é o restabelecimento do narcisismo infantil” (p. 47).

No vocabulário da psicanálise, Laplanche (1991, p. 290) afirma que: “O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada dos seus investimentos objetais”. Sendo assim, o amor narcisista estaria ligado ao narcisismo primário, enquanto o amor anaclítico ao narcisismo secundário.

A forma pela qual as pessoas amam, o que esperam do amor e como ele acontece se modificou ao longo do tempo, segundo as expectativas sociais e culturais de cada momento histórico. Dessa forma, cada época vive de forma distinta o amor e suas implicações o que, segundo Kuss (2015) desenvolveu diversas maneiras de viver esse fenômeno, os quais poderiam ser divididos em: amor cortês, amor romântico e amor líquido, sendo o último o que mais representa a atualidade.

Conforme Kuss (2015) o amor cortês nasce no início do século XII e é um amor utópico. A dama é cortejada pelo amante através de cartas e poesias, o amante sofre por seu objeto de amor estar sempre inacessível. Nesse tipo de amor ocorre uma renúncia ao objeto amado, não ao amor, se ama o sentimento do amor, pois não se tem acesso ao objeto amado. “A relação entre sujeito e objeto está inscrita na falta” (KUSS, 2015, p.62).

O romantismo como movimento cultural surge no século XVIII e junto com ele o amor romântico, o qual diferente do amor cortês acredita ser possível que a falta não exista. São os sujeitos desse tempo os que procuram por Freud para tratar de suas problemáticas com relação ao amor coincidindo assim com o nascimento da psicanálise (KUSS, 2022). No amor romântico existe uma ideia de que, num casal, um complementa o outro e é daí também que vêm os ditos populares de “metade da laranja”, “tampa da panela”, etc.

O amor romântico sustenta o ideal de relações sólidas e para a vida toda, bem diferente deste, o amor líquido é um conceito de Bauman (2003) que assim como seu conceito de modernidade líquida se refere a uma forma mais fluída de amar, a qual caracteriza os tempos atuais. Segundo o autor as ideias de compromisso e relacionamentos duradouros já não são mais tão atraentes, numa sociedade em que a individualidade é tão valorizada. As relações do tipo “até que a morte nos separe”, são cada vez mais evitadas, visto que essas relações são vistas como investimentos muito grandes, os quais envolvem riscos. O citado autor faz uma relação à lógica consumista em que tudo é facilmente descartável, o que parece acontecer também nos relacionamentos na atualidade.

Uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa ‘flexibilidade’) marcam todas as espécies de vínculos sociais que, uma década atrás, combinaram-se para constituir um arcabouço duradouro e fidedigno dentro do qual se pôde tecer com segurança uma rede de interações humanas (BAUMAN, 2003, p.142).

No amor líquido, ao invés de juramentos e declarações prestados em solenidades como no casamento (muito mais popular no passado do que agora), não se impõe a necessidade de consagrar uma união. Afinal, estabelecer um vínculo de afinidade que tenha a intenção de se tornar um vínculo próximo ao de parentesco demanda pagar o preço diário de manter o vigor da relação, o que exige certo esforço que grande parte das pessoas na sociedade atual não está disposta a pagar. “Viver juntos é por causa de, não a fim de. Todas as opções mantêm-se abertas, não se permite que sejam limitadas por atos passados” (BAUMAN, 2003, p.59).

De acordo com conceitos como o de Bauman, que enfocam as formas de convívio no contemporâneo, a tecnologia facilitou os encontros através da Internet e aplicativos de relacionamento, a liberdade aumentou e tudo acontece de forma mais acelerada. Neste contexto, permeado por narrativas relativas, por exemplo, à importância do amor-próprio, da autoestima etc., parece que a tolerância entre as pessoas diminuiu, na medida em que as relações se tornam mais efêmeras e múltiplas. Como contrapartida, cresceu também o sentimento de solidão e desamparo e as pessoas continuam procurando por amor e ansiando por uma relação. Mesmo que a busca por amor permaneça em voga, a fragilidade dos laços pode ser relacionada à sociedade capitalista que estende essa lógica de consumo para as relações, onde as pessoas são facilmente substituíveis (LIPOVETSKY, 1988).

Lipovetsky (1988), comenta sobre o narcisismo como estratégia do vazio na atualidade, onde as desordens psíquicas mais comuns têm sido desse tipo, o que se reflete na apatia e em relações de ligação mais superficial:

Quanto mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais sós se sentem os indivíduos; quanto mais livres e emancipadas das coações antigas as relações se tornam, mais rara se faz a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por toda a parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si; de onde uma fuga para a frente de experiências, que mais não faz traduzir esta busca de uma experiência emocional forte (LIPOVETSKY, 1988, p. 46).

Com esse panorama sobre as relações amorosas na atualidade, os questionamentos norteadores da pesquisa são os seguintes: O que significa amar nos dias de hoje sob o ponto de vista da psicanálise freudiana? O que se busca numa relação e quais as principais problemáticas que o amor enfrenta na atualidade? Admite-se que seja difícil chegar a respostas muito concretas quando decidimos pesquisar o amor, já que é um campo tão amplo e de múltiplos significados e entendimentos, no entanto acredita-se ser fundamental a

discussão do assunto em relação a atualidade, visto que ele é possibilidade de ser fonte de tantas alegrias e sofrimentos ao longo da vida.

## 2 MÉTODO

A pesquisa se configura como bibliográfica de natureza exploratória e descritiva. Conforme Gil (1946) esse tipo de pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de ideias ou a revelação de suspeitas. “Embora seu planejamento seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso” (GIL, 1946, p.41). A coleta de dados se dá através de livros e artigos científicos, a fim de auferir o conhecimento já acumulado acerca da problemática da pesquisa, a saber e do amor com ênfase na Psicanálise freudiana (GIL, 1946). Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, a qual é um tipo mais livre de pesquisa que permite a exploração de um material amplo em torno do tema foco da análise. Esse tipo de revisão também não exige uma norma estrita para sua elaboração, ou seja, a busca das fontes não é pré-definida e específica (UNESP, 2015).

O procedimento de coleta de dados se deu através das ferramentas de busca PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online) a partir dos termos: “amor”, “psicanálise” e “atualidade” separados pelo operador booleano “and”. Em PEPSIC foram encontrados 9 artigos, dos quais apenas um foi selecionado pois se alinhava aos objetivos da pesquisa. Em SCIELO foram utilizados os termos “atualidade” e “contemporaneidade”, separados pelo operador booleano “or”, pois não se obteve resultados apenas com o operador booleano “and”. De 29 resultados recuperados, apenas um artigo foi selecionado. Muitos materiais encontrados abordavam outras temáticas que não se alinhavam com o objetivo desta pesquisa, por isso não foram selecionados. Posteriormente, foram analisadas também as obras que apareciam nas referências bibliográficas dos artigos selecionados e a partir daí mais material foi encontrado e selecionado. Além de autores da área da psicanálise, foram selecionados alguns filósofos como Bauman e Lipovetsky, considerados nomes importantes ao se falar de atualidade. Foram selecionados ao total 2 artigos, 2 livros e 2 dissertações de mestrado, além de 4 textos originais de Freud. Totalizando 10 materiais lidos na íntegra, descritos no quadro a seguir:

**Tabela 1** – Obras utilizadas na pesquisa

AUTOR DA OBRA	TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO
Freud, Sigmund.	Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) Vol. 11.	(1910/1996)
Freud, Sigmund.	Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) Vol.11.	(1912/1996)
Freud, Sigmund.	Sobre o narcisismo: uma Introdução Vol. 11.	(1914/1996)
Freud, Sigmund.	O instinto e suas vicissitudes Vol. 14.	(1915/1996)
Kuss, Ana Suy.	Amor, desejo e psicanálise. (Dissertação).	2015
Kuss, Ana Suy & Barros Rita Manso.	O desejo como bússola para o amor. Psicanálise & Barroco em Revista, Rio de Janeiro, v.20.	2022
Bauman, Zygmunt.	Amor líquido.	2003
Lago, Gustavo.	Conectividade: um estudo sobre o amor pós-moderno. (Dissertação).	2009
Lipovetsky, Gilles.	A Era do Vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo.	1988
Arreguy. M & Garcia, C.	A ausência do ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro.	2012

Fonte: elaboração das autoras, 2023.

### 3 RESULTADOS

Sobre a gênese do amor, Freud (1915/1996) afirma que o amor é originalmente narcisista, pois surge da capacidade do ego em satisfazer seus próprios impulsos, posteriormente passando para objetos e se direcionando em relação àqueles que são vistos como fontes de prazer. Conforme o autor (1912/1996), é impossível adequar nossos instintos sexuais com as exigências da civilização, porém, caso esses impulsos fossem satisfeitos completamente, o ser humano jamais abdicaria desse prazer e acabaria por não realizar nenhum tipo de evolução.

Conforme Freud (1910/1996), as condições impostas à escolha do objeto de amor podem estar relacionadas à fixação infantil na própria mãe. No complexo de Édipo, a criança deseja a mãe para si mesma e vê o pai como um rival, sendo assim a condição de que exista uma terceira pessoa prejudicada na relação, a necessidade de sentir ciúme e a ânsia de salvar a mulher são condições que derivam dessa fixação. No amor normal apenas permanecem alguns aspectos, como por exemplo, a escolha de objeto seguindo o modelo materno (FREUD, 1910/1996).

Freud (1912/1996), menciona que a fixação no primeiro objeto de amor e frustração devido à realidade cultural e a barreira contra o incesto pode ser encontrada em praticamente todos os seres humanos civilizados. Essa restrição feita ao amor imposta pela civilização faz com que os obstáculos em relação ao amor intensifiquem a libido, podendo também ocorrer uma separação entre o objeto de amor e objeto de desejo como uma defesa contra esses impulsos incestuosos da infância (FREUD, 1912/1996). Entretanto, ele destaca que é da própria natureza dos impulsos sexuais que não haja a satisfação completa:

A psicanálise revelou-nos que quando o objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos, o 'anseio pela estimulação' que tão amiúde caracterizam o amor dos adultos (FREUD, 1912/1996, p. 194).

Sobre isso, Kuss (2015) comenta que o desejo é indestrutível e que não existe objeto capaz de satisfazê-lo completamente, por isso só existem satisfações parciais. Segundo a autora, o amor busca preencher a falta presente no campo do desejo, porém fracassa nisso, já que a falta é inerente ao nosso psiquismo. Se o amante nutre uma expectativa de completude através do amor será inevitável que o mesmo se decepcione e entre em sintoma neurótico queixoso. A autora afirma que o amor não é complementar e é justamente porque algo sempre falta que continua acontecendo, o amor não consegue eliminar a falta, por mais que certas vezes consiga causar essa ilusão (KUSS, 2015).

Freud (1915/1996), comenta sobre o amor e suas polaridades. Diferente dos outros exemplos de reversão, o amor tem mais de um oposto, existem as antíteses: amar-odiar, amar-ser amado e amor-desinteresse ou indiferença. Ele afirma que nossa vida mental se rege por três polaridades, as quais influenciam nas vicissitudes sofridas pelos instintos: sujeito (ego)-objeto (mundo externo), prazer-desprazer e ativo-passivo. Essa polaridades são relacionadas com as antíteses do amor: A polaridade ego-mundo externo faz com que a indiferença seja vista como o oposto do amor, considerando que na primeira fase da vida psíquica o amor se volta para si mesmo, enquanto o mundo externo é visto como indiferente.

A polaridade prazer-desprazer se relaciona com os opostos amor e ódio, pois com o surgimento das relações objetais, o sujeito é atraído e ama os objetos que lhe trazem prazer, enquanto no que lhe causa desprazer há sentimento de ódio e repulsa. A polaridade atividade-passividade resulta nos opostos amar e ser amado, nesse caso a mudança de finalidade se dá como nos opostos masoquismo-sadismo e escopofilia-exibicionismo.

Para Freud (1914/1966), uma pessoa pode amar em conformidade com o tipo narcísico ou anaclítico, no tipo narcísico se ama o que se é, o que se foi ou o que se gostaria de ser, já no tipo anaclítico se ama a mulher que o alimenta ou o homem que a protege e os posteriores substitutos desses primeiros objetos. O ideal do ego também impõe as condições de satisfação da libido através da escolha de objetos, censurando aqueles que considera como incompatíveis. O autor declara que parte da autoestima deriva da satisfação da libido-objetal, enquanto as outras são resíduo do narcisismo infantil e a realização do ideal do ego pela própria experiência (FREUD, 1914/1966).

Seguindo a linha de pensamento freudiana, quando se está apaixonado se exalta o objeto sexual o transformando num ideal sexual. Esse ideal sexual pode funcionar como uma satisfação que ocupa o lugar da satisfação narcisista quando essa encontra obstáculos, neste caso ocupando o espaço do ideal do ego do amante. Diante disso, a pessoa amará seguindo o tipo narcisista de escolha objetal, amará o objeto que possui qualidades que ela mesma não consegue alcançar, essa seria a cura pelo amor, a qual normalmente é a escolha priorizada pelas pessoas ao invés da análise (FREUD, 1914/1966).

De acordo com Kuss (2015), ainda que o amado seja idealizado, ele é um ser faltante e não completa o amante, o que o coloca em busca de novos objetos caindo no deslizamento do desejo. A autora afirma que mesmo que a visão de amor como busca por uma completude tenha resistido por séculos e ainda persista nos dias de hoje, o amor é um encontro faltoso (KUSS, 2015).

Segundo Kuss & Barros (2022), Freud argumentou que o amor é um problema de linguagem, trazendo a ideia de que a palavra “amor” unificou diferentes maneiras de se relacionar, e que se tornou uma discussão científica. Contudo, isso não quer dizer que o amor seja inato aos humanos ou instintivo, mas sim que é influenciado pela linguagem. O amor, desejo, pulsão e gozo são resultados do efeito da linguagem em nossos corpos, dessa maneira, pode-se entender que o amor não é natural, instintivo, e conseqüentemente não é uma garantia na vida humana.

Conforme Kuss & Barros (2022), o amor romântico na forma que é conhecido hoje, surgiu com o amor cortês e as mudanças na posição das mulheres na civilização. O sujeito que

ama é incompleto e precisa reconhecer sua própria falta para amar alguém. O artigo em questão explora três momentos do amor: o amor cortês, o amor romântico e o amor líquido (Bauman, 2003), e busca no “acontecimento” (Badiou, 2013) um caminho no amor que a psicanálise indica, destacando a importância do desejo nesse processo.

Para Kuss & Barros (2022), o amor cortês representa um tipo de amor que evita lidar com a castração, pois a relação sexual é excluída desse cenário. Para que seja possível o amor cortês funcionar, a dama deve manter uma atitude fria ou desinteressada, mantendo assim o desejo do trovador aceso. Fazendo assim com que o desejo seja preservado, pois só é possível desejar aquilo que não se tem. Contudo, vale destacar que preservar o desejo no amor cortês não é o mesmo que sustentá-lo, já que a condição para a preservação do desejo é não considerar a castração. É possível perceber que no amor cortês, havia uma separação entre desejo e amor, onde era evitado o encontro com o gozo e a realidade da inexistência da relação sexual.

Para Kuss & Barros (2022), o amor romântico, diferente do amor cortês, busca reunir todos os elementos, incluindo duas pessoas, amor e desejo, amor e casamento, amor e sexualidade. A recorrente ideia de duas pessoas que se unem como uma só, com a expectativa de reciprocidade, deriva do amor romântico. Ainda segundo Kuss & Barros (2022), o amor romântico tem uma característica que busca criar a ilusão de uma união completa, onde a falta não existe, e essa expectativa irrealista pode levar ao sofrimento e à neurose. Contudo, à medida que o mundo passou pela industrialização sob o capitalismo, a relação das pessoas mudou. Desta maneira, fica uma sugestão de que as noções de amor e relacionamentos também foram moldadas pela evolução econômica e social, afetando a maneira como as pessoas percebem e experienciam o amor.

Em seu livro, Bauman (2003) aborda o amor e a liquidez dos relacionamentos amorosos sob a perspectiva do consumismo e individualismo que permeiam a sociedade contemporânea. Segundo o autor, a lógica de mercado se infiltra nos relacionamentos, transformando os indivíduos ao mesmo tempo em consumidores e produtos a serem consumidos, sendo descartados assim que deixam de cumprir seu papel ou quando há conflito. Para o autor, as pessoas temem experimentar as incertezas e fragilidades de um relacionamento duradouro, preferindo relacionamentos caracterizados pela efemeridade - amores líquidos. Por conta disso, Bauman (2003) afirma que o amor romântico vem perdendo espaço na sociedade do consumo, a busca pelo amor “único”, com quem se divide a vida toda, deixa de ser um objetivo imediato. Ao invés disso, sujeitos buscam diversos amores curtos -

muitas vezes de uma noite - onde buscam adquirir a experiência que julgam necessária na busca do “sucesso” no amor.

Para Bauman (2003), a sociedade contemporânea é levada a viver uma vida de desejos e conquistas através de impulsos, sendo também essa a forma com que os indivíduos guiam sua vida amorosa. O autor faz a diferenciação entre os conceitos de desejo e amor, definindo desejo como um impulso de autodestruição, permeado desde seu cerne pelo desejo por seu próprio fim. O desejo brota da busca humana pela conquista, morrendo em si mesmo após a obtenção ou consumo do objeto desejado. Já o amor surge da vontade de cuidar e preservar o objeto adquirido. O desejo acaba em si mesmo, enquanto o amor desenvolve-se em si mesmo, o amor é a vontade de ingerir, absorver e assimilar o sujeito no objeto, enquanto o desejo é o oposto (Bauman, 2003).

Bauman (2003) afirma que os relacionamentos contemporâneos são cada vez mais influenciados a serem guiados pelo desejo, sem o comprometimento necessário dos indivíduos para que ali surja o amor. Os sujeitos aplicam o conceito de “oferta e procura” ao mundo dos relacionamentos, prezando cada vez menos pela qualidade dos relacionamentos por terem conhecimento da grande oferta disponível no “mercado” do amor.

Conforme Lago (2009), Freud como autor da modernidade, aborda a questão de escolha de objeto parecendo supor a monogamia e colocando o amor como uma forma de atingir a felicidade. Lago (2009) compara a modernidade com a atualidade dizendo que enquanto a primeira investia na “renúncia pulsional” visando uma certa organização social, a segunda aposta no prazer instantâneo e individual, o que antes eram vistas como relações saudáveis, hoje podem aparentar certa rigidez e repressão. O amor romântico perde a perfeição mítica de outrora e o sujeito da atualidade é inserido na realidade virtual, um mundo de possibilidades ficcionalizado a partir de seus desejos.

Da ótica psicanalítica, as questões atuais referentes a ideais amorosos são objetais, que o sujeito numa tentativa de substituição do objeto perdido no Complexo de Édipo busca consumir descontroladamente os objetos ao seu alcance. Não tolerando limitações e se relacionando de forma própria ao estado narcísico do eu ideal, nota-se uma recriação pessoal própria do narcisismo primário, anterior à entrada da figura paterna representando as normas sociais e à castração (COSTA, 2009 apud LAGO, 2009). Visto que pouco se tolera a frustração, o sujeito permanece nessa troca constante de objetos, como uma tentativa de evitar o desprazer. Lago (2009) conclui que as conexões são o formato contemporâneo do amor.

Segundo Arreguy e Garcia (2012), numerosos autores de diversas áreas têm teorizado sobre diferentes concepções de amor ao longo da história, desde as características metafísicas

do amor abordadas por Sócrates no “Banquete”, até as definições do amor no contexto cristão, como “ágape” e “caritas”, e concepções como o trovadorismo, amor cortês e a interiorização do amor no romantismo e individualismo. Os autores consideram a hipótese da ausência de ciúme como um ideal cultural na sociedade contemporânea. Esse ideal é visto como narcisista e midiático, buscando eliminar o sofrimento decorrente de disputas, ameaças, perdas e competições inerentes ao amor, e que a sociedade, nesse contexto, tende a valorizar jogos perversos que apagam as diferenças, promovendo a ilusão de um erotismo totalizador. Por outro lado, o texto também traz a discussão de que, na prática clínica, a recorrência do ciúme primitivo representa uma forma regressiva de amar, com raízes no romantismo. Essa forma de amar pode levar a manifestações patológicas, como delírio, melancolia, atuação violenta e masoquismo. Tais sintomas são vistos como resquícios de um romantismo latente que influencia as relações amorosas. Desta maneira, é possível perceber que há uma ambiguidade em torno do ideal romântico na contemporaneidade onde, por um lado, a sociedade busca eliminar o ciúme e o sofrimento no amor, promovendo um ideal de ausência de ciúme. Por outro lado, o romantismo se mantém de forma patológica, refletindo-se em sintomas relacionados ao ciúme, e evidenciando um mal-estar amoroso na sociedade atual.

Os autores Arreguy e Garcia (2012), discutem sobre a dinâmica das relações amorosas na cultura de consumo contemporâneo, caracterizada por constantes trocas de parceiros. Isso é especialmente evidente em jovens e sua percepção acerca da ternura. As relações tornam-se instáveis, onde a necessidade de buscar novas sensações de prazer leva à inviabilização do tradicional par romântico, que, embora considerado ultrapassado, ainda é idealizado. Para manter um parceiro, muitas vezes, a fidelidade é deixada de lado, e as chamadas “relações abertas” se tornam comuns. Nesses casos específicos, a “fidelidade” voltada à diversificação das relações assume seu lugar, muitas vezes resultando em relações múltiplas. Os autores ressaltam que essa nova lógica pode ser vista como uma busca pela liberdade, mas a presença constante dos resquícios do romantismo pode tornar a situação mais complicada. A eliminação do ciúme é promovida de forma subliminar, incentivando uma excitação com multiplicação de parceiros.

Segundo Lipovetsky (1988), a sociedade contemporânea é permeada pela vivência do vazio, perturbação narcísica caracterizada pelo sentimento de vazio interior e de absurdo de vida, bem como a incapacidade de sentir e se conectar com sentimentos e pessoas. A era contemporânea vive o fim da cultura do *happy ending* e do sentimentalismo, em detrimento de uma cultura que repudia demonstrações de sentimentos - e daí advém o vazio.

Conforme Lipovetsky (1988), a demonstração afetiva de emoções passa a ser incômoda e embaraçosa. O ciúme e a possessividade são condenados, paixões, tristezas e alegrias passam a ser vivenciadas apenas no privado, de maneira escondida. Citando Lasch (1975), Lipovetsky (1988) aborda o *flight from feeling*, “a fuga diante do sentimento” vivenciada pelo sujeito contemporâneo, aspirando pelo total desapego emocional em suas relações pessoais. O autor indica que, para além da fuga sentimental, o sujeito experiencia a fuga dos meros sinais dos sentimentos. A principal razão para essa fuga citada pelo autor é o medo da vulnerabilidade advinda das relações significativas, o medo da decepção, do apego, da dependência emocional, o medo da própria paixão em si, bem como o medo dos próprios impulsos. Lipovetsky (1988) cita que daí surgem os processos de separação entre o sexo e os sentimentos, estimulados por ideologias progressistas, com objetivo de atingir um estado de desapego e indiferença cujo cerne se encontra na autoproteção emocional.

Para Lipovetsky (1988), o fenômeno é ainda mais complexo ao se observar o movimento inverso nos mesmos sujeitos: a busca implacável por relações intensas, que se esbarra em toda a performatividade de indiferença, tornando cada vez mais rara e valorizada a experiência de uma relação intensa. O sujeito então vivencia o sentimento de vazio e absurdo de vida, onde questiona sua aparente incapacidade de sentir, também chamada de Desolação do Narciso: “muito bem programado em sua absorção em si mesmo para poder ser afetado pelo Outro, para sair de si mesmo e, no entanto, insuficientemente programado, uma vez que ainda deseja um relacionamento afetivo” (LIPOVETSKY, 1988, p.58).

Segundo Lipovetsky (1988), a incapacidade de sentir e relacionar-se também pode ser traçada à lógica consumista da sociedade contemporânea, que ao absorver o indivíduo em si mesmo e modificar sua relação com objetos e bens de consumo, também modificou sua socialização e identificação com outros indivíduos ao seu redor. O indivíduo tornou-se um ser cinético, aberto à mudanças e sem nenhuma estabilidade, em um mundo em que tudo passa a ser um produto descartável, como relacionar-se com as outras pessoas?

#### **4 DISCUSSÃO**

Apesar de o amor não ser em si um conceito exclusivo da psicanálise, suas definições sempre estiveram entrelaçadas às investigações de Freud acerca da subjetividade humana. Observamos que mesmo caracterizando a modernidade e estando mais alinhadas ao ideal de amor romântico, as ideias da psicanálise freudiana sobre o amor ainda são extremamente

atuais. Como experiência compartilhada pela grande maioria das pessoas, é consenso entre a grande maioria dos pesquisadores a relevância do amor na vivência humana.

O amor na psicanálise freudiana aparece como a capacidade de satisfazer os próprios impulsos e por isso Freud (1915/1996) diz que ele é originalmente narcisista. A própria ideia de amor na psicanálise freudiana se refere a busca de um objeto, de uma satisfação perdida, da vivência do primeiro amor que se teve na infância, onde o sujeito é amado pela mãe ou outra figura de cuidado e tem seu primeiro objeto de satisfação sexual referente ao próprio prazer de ser alimentado. A ideia de amor romântico também se refere a uma busca, nesse caso, de uma metade perdida: “a metade da laranja”, “a tampa da panela”, alguém que viria a complementar o sujeito. Mesmo que Freud reconheça o amor como uma forma de proteção contra o adoecimento e até mesmo discorra sobre sua capacidade em aumentar a autoestima quando acontece a satisfação da libido-objetal, ele confirma que jamais acontece a satisfação completa dos impulsos sexuais. Kuss (2015), em sua interpretação de Freud, afirma que o amor tenta preencher essa falta no campo do desejo, porém, declara que isso jamais acontece, visto que somos seres naturalmente “faltantes” e o amor nada mais é do que um encontro de faltas. A completude, tão idealizada e esperada no amor romântico, não acontece, por mais que se tenha essa impressão.

Bauman (2003), com o conceito de amor líquido, caracteriza o amor que acontece atualmente, o diferenciando do amor romântico e revelando uma forma de amor que tem exigências diferentes das que se tinham no passado. Seguindo o modelo capitalista da sociedade, o desejo de consumo também aparece nos relacionamentos românticos, onde as pessoas são vistas como objetos facilmente descartáveis. Sobre isso, Lago (2009) afirma que o sujeito segue numa busca incontrolável por objetos, não tolerando quaisquer desprazeres que vierem a surgir; comenta que assim se relacionam tomando como referência o estado narcísico do eu ideal. Isso justifica o porquê dos relacionamentos atuais serem menos duradouros, afinal, se busca esse ideal que nunca se encontra, mesmo que em meio a tantas opções através da tecnologia, com aplicativos e redes sociais.

Conforme Arreguy e Garcia (2012), ainda que a liberdade e relações mais fluidas sejam privilegiadas, notam-se resquícios do amor romântico de forma disfuncional na atualidade, caracterizados através do ciúme. Sendo assim, as exigências dos relacionamentos atuais também se mostram diferentes de outrora, os indivíduos prezam pela liberdade, o que coloca qualquer sinal de ciúme como um mau sinal, um desprazer, pois barra as outras tantas possibilidades de experimentação e busca de novas sensações de prazer. Freud (1915/1996), afirma que uma das polaridades que rege nossa vida mental é o prazer/desprazer e essa

polaridade se relaciona com os opostos amor/ódio, visto que se busca o que causa prazer, enquanto o que leva ao desprazer causa ódio e repulsa. Nesse caso, pode-se observar que essa premissa é seguida à risca na atualidade, onde pouco se tolera e muito se espera do outro.

Lipovetsky (1988), comenta sobre o sentimento de vazio, muito comum na atualidade, onde ao mesmo tempo em que buscam e almejam sentimentos e relações intensas, essas mesmas relações são temidas, devido a vulnerabilidade que podem colocar as pessoas. Freud (1915/1996), afirma que a polaridade ego/mundo externo se relaciona aos opostos amor/indiferença, visto que em nossa primeira fase psíquica o amor é voltado para si mesmo e o mundo externo ignorado. Sendo assim, se considera que atualmente os indivíduos vivem voltados para si, e o medo da decepção ou do desprazer que o mundo externo e relações mais sérias venham a trazer acaba os privando disso, como forma de autoproteção. Existe aí uma ambiguidade, porque ao mesmo tempo em que não se ignora o mundo externo e estejamos todos conectados através da tecnologia, a indiferença permeia as relações, pelo próprio temor do mal que elas possam vir a trazer.

Conforme Freud (1914/1996), quando se está apaixonado se transforma o objeto em um ideal sexual, o que pode alimentar o próprio ideal do ego do amante, como uma satisfação narcisista. Certamente, o sujeito quer sentir a satisfação e privilegia o sentimento de prazer, porém ainda que o objeto amado seja idealizado, os ideais nunca são reais e sempre levam à frustração. Segundo Kuss (2015), o deslizamento do desejo ocorre quando o sujeito tem essa desilusão e vai em busca de novos objetos que lhe satisfaça. Essa busca constante acontece na ilusão de completude, um ideal do amor romântico ainda presente nos dias de hoje. Entretanto, a busca por amores ideais pode ofuscar o prazer de viver amores reais. Nos tempos atuais, muitas vezes, é por meio da troca de objetos que o sujeito tenta manejar sua autoestima, através da satisfação da libido-objetal.

Lipovetsky (1988) traz a dualidade contraditória da indiferença *versus* desejo pela conexão profunda gerada pelo amor como uma das grandes perturbações do Eu na atualidade. Buscar tentar entender o que é o amor à nível teórico e como se dão os relacionamentos no contexto contemporâneo, em que a nível global relações sociais passam por mudanças, traz à tona as mais diversas manifestações e questionamentos, tornando-se um tópico complexo e repleto de variáveis.

A liquidez dos relacionamentos modernos, o amor romântico posto em cheque, bem como a busca implacável pela conexão profunda proporcionada pelo romantismo - o *happy ending* - são temas recorrentes nos autores trazidos ao estudo. Com a efemeridade cada vez mais presente nos relacionamentos, incentivada e retroalimentada pelos próprios indivíduos,

inseridos em um sistema que não favorece o aprofundamento, cada vez mais o sujeito anseia por algo que muitas vezes nem consegue identificar. Apesar de desejar conexões, não consegue atingi-las, vivenciando a Desolação: “muito bem programado em sua absorção em si mesmo para poder ser afetado pelo Outro, para sair de si mesmo e, no entanto, insuficientemente programado, uma vez que ainda deseja um relacionamento afetivo” (LIPOVETSKY, 1988, p.58).

Lago (2009), observa a incessante busca pelo prazer na sociedade atual em contraste à renúncia pulsional da sociedade moderna, que apostava em maior estabilidade na vida e nos relacionamentos. Lipovetsky (1988) e Bauman (2003), também têm visões convergentes sobre o tema, quando mencionam que a atualidade é guiada pelo desejo e busca a vivência de experiências e sentimentos intensos, que muitas vezes podem ser fugazes, deixando o sentimento de vazio discutido por Lipovetsky. Afinal, por mais que as relações intensas sejam muito almeçadas e idealizadas, elas dificilmente se concretizam, tendo em vista a própria performatividade do desapego e o temor do compromisso.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enfrentou-se a dificuldade em selecionar os materiais que tragam de maneira clara e pertinente ao escopo de pesquisa do tema, o estudo acerca do amor e relacionamentos na contemporaneidade. Ao longo do desenvolvimento do estudo, percebeu-se a amplitude teórica do tema, já exaustivamente estudado e teorizado pelas mais variadas vertentes das ciências humanas, mesmo limitando-se à visão psicanalítica. Ao final, utilizaram-se poucos autores no estudo, o que viabilizou uma análise mais aprofundada nas teorias trazidas pelos mesmos. Concluiu-se que o amor passou e ainda passa por diversas mudanças, desde os obstáculos enfrentados pelo amor romântico - decadência seguida por um retorno saudosista - até as novas configurações de amores que surgem e ressurgem conforme o tecido social se altera. As constantes mudanças vivenciadas pela sociedade contemporânea, amplificadas pelo avanço tecnológico, bem como a crescente cultura consumista modificaram completamente a relação dos indivíduos com suas próprias emoções e como se relacionam com outras pessoas.

Reconhece-se que compreender o que se busca nas relações amorosas na atualidade e colocar o amor como temática de uma pesquisa, por si só já é um grande desafio. Entretanto, um estudo teórico sobre o amor na atualidade é de extrema importância não apenas para enriquecer a compreensão do tema, mas também para proporcionar melhores entendimentos sobre as dinâmicas complexas dos relacionamentos humanos que estão em constante

transformação. O presente estudo tenta mostrar como a teoria psicanalítica contribui para uma compreensão a nível mais profundo das diversas variáveis que influenciam a forma como as pessoas vivenciam e buscam conexões nos dias de hoje.

Outro aspecto importante é a disseminação sobre os entendimentos de como surgiram o amor cortês, romântico e líquido, em suas diversas manifestações. O estudo sobre o amor desafia a sociedade a refletir sobre suas próprias estruturas e dinâmicas. Contudo, mesmo depois de muito se discutir e teorizar sobre o amor, ainda há dúvidas que cercam o tema, como por exemplo, como o movimento da não-monogamia se articula com os temas do amor e suas variáveis, como o ciúme e a vontade de liberdade?.

A ambiguidade de desejos nos relacionamentos da atualidade ainda nos traz muitas indagações, porém, por mais simplista que pareça, o que se busca em qualquer relação amorosa continua sendo o amor. Independente do tipo de relação, sejam elas românticas ou não-monogâmicas, ainda que existam exigências diferentes de outrora ao se relacionar, como a maior necessidade de liberdade e individualidade, ainda se idealizam as relações e o sentimento de amor. Ainda se busca aquela completude narcísica, mesmo que se reconheça como um ser faltante e é por isso que as ideias freudianas continuam tão atuais, afinal quem não ama adocece (FREUD, 1914/1996).

## REFERÊNCIAS

- ARREGUY, M; GARCIA, C. A ausência do ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [2]: 755-778, 201.
- BADIOU, A. **A ética: um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos Vol. 6.(1901-1905)** I Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. (1910/1996). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) Vol. 11**. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1912/1996). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) Vol.11**. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1914/1996). **Sobre o narcisismo: uma Introdução Vol. 11**. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1915/1996). **O instinto e suas vicissitudes Vol. 14**. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S, 1856-1939. **O Ego, o Id e outros trabalhos Vol. 19 (1923-1926)** I Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. -11 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S.; ZWICK, R. **O Mal-Estar Na Cultura**. Porto Alegre, RS: L & PM EDITORES, 2010.
- GIL, A.; C., 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Antônio Carlos Gil. - 4. São Paulo: Atlas, 2002.
- KUSS, A; BARROS, R. O desejo como bússola para o amor. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v.20, n. 1, ago. 2022.
- KUSS, A. **Amor, desejo e psicanálise**. Curitiba: Juruá, 2015.

LAGO, G. **Conectividade: um estudo sobre o amor pós-moderno**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Psicologia. Belo Horizonte, 2009.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise** / Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel La gache; tradução Pedro Tamen. — São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio: Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo**. 1988.

Tipos de Revisão de Literatura [Internet]. 2015. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura>>